



FOLIA DE SANTOS REIS: UMA TRADIÇÃO QUE EDUCA

Cleumar de Oliveira Moreira¹ (UEG)

GT 12: CULTURA ESCOLAR, FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO E CURRÍCULO

RESUMO

O presente artigo intitulado por “Folia de Santos Reis: uma tradição que educa” tem como fulcro estudar a folia (manifestação religiosa) como manifestação cultural pedagógica capaz de promover a instrução e a educação fora do ambiente escolar (ensino formal). É através da tradição, da religiosidade, e, em específico, dessa manifestação popular (culto ao sagrado) que se encastelam forças empíricas capazes de garantir disciplina, obediência e ordenação social, promovedoras do ensino-aprendizagem no/do sujeito. Desse modo, a Folia tem assumido esse papel institucional (folia escola), ordenando, disciplinando e preparando sujeitos para a vida moral, social e cultural. Nossa fundamentação teórica balizou-se em Adorno e Horkheimer (1985), Ghiraldelli Júnior (2006), Niskier (2007), Ribeiro (1985), Ortêncio (2004), Vigilato (2011) e Rios&Viana (2015). Optamos pelo método dialético-dedutivo para analisar e comparar os estudos e/ou referenciais epistemológicos relativos ao nosso objeto de estudo. Lançamos mão, também, da observação (acompanhamento do giro da folia) como forma de compreender os conceitos e/ou categorias (cultura popular, cultura erudita, tradição, modernidade, educação, ensino, aprendizagem) que estruturam nosso estudo, e, sobretudo, corroboram e validam a cultura popular como formadora do sujeito. A expectativa é de que identifiquemos na Folia de Santos Reis as forças necessárias capazes de garantir o despertar da consciência e da co-responsabilidade do homem perante o mundo orgânico em que está inserido. Assim, diagnosticaremos a essência da Folia de Santos Reis nessa sociedade periférica, localizada na região metropolitana de Goiânia, já “embebida” pelos impactos do “novo”.

Palavras-chave: Folia. Tradição. Educação formal. Encantamento. Cultura.

¹ Graduado e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); é professor titular da Universidade Estadual de Goiás (Câmpus Inhumas) no curso de Pedagogia. Email: cleumardeoliveira@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O presente texto intitulado por “Folia de Santos Reis: uma tradição que educa” tem como proposta analisar a dinâmica da Folia enquanto manifestação cultural religiosa/popular capaz de promover a instrução e a educação fora do ambiente escolar, sobretudo, identificá-la como uma práxis não formal de educação.

Para tal, a cidade de Inhumas-GO serviu de recorte espacial para nossa investigação, especificamente a Associação dos Devotos de Santos Reis, uma instituição fundada em 2003, composta por foliões considerados pioneiros desta manifestação no município. Assim, esta tem garantido a manutenção da tradição religiosa na região metropolitana de Goiânia (periferia da metrópole), preservando a cultura e os valores populares, tanto em Inhumas quanto em Goiás.

A motivação de nossa pesquisa está intimamente ligada ao nosso sentimento de infância, uma época marcada pela rigidez na aplicação da disciplina, pelo respeito e contemplação ao sagrado, pelo reverenciar aos mais velhos; pela tipologia lúdica, pelos gestos, olhares e respirações paternas que puniam; enfim, pelo conjunto de ações e comportamentos familiares que garantia aprendizagem, ordem e formação do sujeito. Nesse caso, a Folia de Santos Reis, mesmo apresentando natureza sócio-cultural *sui generis*, assim como a instituição Família, também, foi/é capaz dar sentido e significado ao mundo.

Desse modo, a Folia de Santos Reis, enquanto fruto da subjetividade humana, manifestação de cunho religioso/popular, é capaz de alterar o comportamento social? Ela é capaz de mudar a realidade daqueles que sobrevivem na “periferia”? Estas são algumas das inquietações que buscaremos responder ao longo desse texto.

O referencial epistemológico de nosso diálogo fundamentar-se-á em Adorno e Horkheimer (1985), Ghiraldelli Júnior (2006), Niskier (2007), Ribeiro (1985), Ortêncio (2004), Vigilato (2011) e Rios&Viana (2015)

É nesse íterim que categorias como cultura, folclore, tradição, modernidade e memória, ganham expressividade. Observa-se que, na maioria das vezes, esses conceitos aparecem nas produções etnológicas como o “cimento” que garante a construção de novos



referenciais identitários. Portanto, o que se pretende, também, é corroborar a hipótese de que essa manifestação folclórica é capaz de instruir, ensinar e preparar crianças para o convívio em sociedade (cumprimento das normas e das regras, tanto morais quanto legais).

A metodologia utilizada pautou-se no método dialético-dedutivo, momento destinado a analisar e comparar à parca produção epistemológica existente. Outro recurso utilizado foi a observação *in locu*, quando acompanhamos o giro da folia no ano de 2016.

Assim, espero que esse trabalho abra uma nova frente de estudos na UEG-Câmpus Inhumas (formação de grupos, núcleos e linhas de pesquisa), cujo fulcro, interdisciplinar, será aproximar a Pedagogia da Antropologia Cultural. Outrossim, faz-se necessário descobrir novas alternativas de pesquisa que nos ofereça subsídios necessários para compreender o processo de formação do sujeito em outras instituições não formais de ensino.

Desse modo, as páginas a seguir apresentarão diálogos conceituais, uma discussão acerca dos meios formais e não formais de educação; definição de encantamento e modernidade e, por fim, a natureza história da Folia de Santos Reis e seu papel pedagógico.

ROMPENDO PARADIGMAS: ENCANTAMENTO DA “FOLIA ESCOLA”

O século XX estabeleceu rupturas e quebraram paradigmas, reordenando a produção historiográfica nos países de cultura ocidental. As produções marxistas, estruturalistas e positivistas começaram a perder espaço com o advento da história das mentalidades, uma corrente de estudos demiurga da Escola dos Annales. A chamada “nova Escola” passou a orquestrar novas abordagens, a priorizar novas temáticas e a dar maior importância aos sem importância, aos inaudíveis, aos despercebidos pela história “oficiosa”.

Consciente de que a temática “educação e folia”, enquanto fonte de pesquisa, é uma novidade nos “centros de formação de professores”, a projeto em tela será nosso grande desafio. Assim, a proposta é lançar mão da interdisciplinaridade, buscando compreender a folia como um meio, quiçá, uma instituição pedagógica capaz de promover a instrução não-formal.

Essas inquietações surgiram e com elas o desejo de revelar o novo, ou seja, de romper com o ineditismo. Na condição de professor de História da Educação e de Sociologia, no



curso de Pedagogia na UEG-Câmpus Inhumas, senti a necessidade de trabalhar a Folia de Santos Reis (manifestação em paulatino processo de desintegração) como manifestação religiosa popular capaz de preservar a tradição, a perenidade da memória e de formar sujeitos (comprometidos com sua origem e com o ordenamento familiar e social) através da oralidade (orações, musicalidade, canto, rimas, poesias). A Folia, então, assume função de escola.

Antes de tratar diretamente de nosso objeto de estudo dialogaremos com alguns autores que acreditamos serem indispensáveis para este momento. Desse modo, lançaremos mão de Adorno e Horkheimer (1985) para compreender a Folia como uma manifestação popular que dialoga com a tradição e com a modernidade.

Partindo do princípio de que a Folia de Santos Reis é uma construção histórica, fruto de consciência coletiva e da subjetividade humana, essa manifestação, que pode ser percebida em quase todos os estados brasileiros, é síntese de tradição em Inhumas-GO. Para Adorno e Horkheimer (1985) os conceitos de tradição e modernidade estão associados à ideia de “encantamento e desencantamento do mundo”. O encantamento é a força capaz de cristalizar valores, hábitos, comportamentos, a fé, as rotinas e os costumes dos/nos sujeitos. Paradoxalmente, o desencantamento é a força capaz de dessacralizar o mundo, e desumanizar os sujeitos.

A Folia de Santos Reis é manifestação folclórica símbolo de resistência à objetivação do homem. É a fronteira sinestésica de enfrentamento à miséria (coisificação do sujeito) que provoca a perda de identidade humana. A modernidade, representada pelo movimento conurbativo das grandes metrópoles, não foi capaz de dissipar o “bem estar” cultural das coletividades inauditas; segmentos sociais que foram, coercitivamente, conduzidos pela “onda urbanizadora” (força oriunda do capitalismo que visa atender as necessidades burguesas) para os extremos dos grandes centros. E, para variar, é na periferia, no interior, e/ou na vida “rurbana” que a tradição pulsa. A periferia pode ser considerada o “*bunker*” da cultura popular, a “guardiã” da tradição nas grandes metrópoles.

Partindo dessa concepção é importante considerar os aspectos culturais e as experiências cotidianas dos indivíduos que pertencem à comunidade local. Desse modo, as diferenciadas manifestações culturais, tanto as de fundamentação formal quanto não-formal, são indispensáveis para a formação do sujeito. As antigas resistências em conceber a



produção cultural das esferas sociais populares e/ou consideradas periféricas foram rompidas. Atualmente, os estudos acadêmicos têm-se debruçado sobre a história das festividades populares, dos ritos e das cerimônias religiosas, do canto e da musicalidade, da alimentação e do trato à saúde, ou seja, da “cultura popular”.

Foi inspirado nessas novas possibilidades de estudo que o objeto em tela foi pensado. Assim, observar-se-á o papel da festa religiosa, tradicionalmente encantada no mundo urbano e rural, como condição alternativa para perceber métodos pedagógicos e de instrução tipicamente não formais. Portanto, será mister apresentar os conceitos de escola, educação formal e não formal.

Para Ghiraldelli Jr, a escola é lugar de aprendizado. É o espaço em que se aprende metodicamente e ludicamente. Instrução e lazer são características próprias desses ambientes. A escola é “um local diferenciado que abriga pessoas que o nosso tempo considera especiais, ou seja, as crianças e os jovens” (GHIRLALDELLI JR, 2006, p.13)

Segundo Niskier (2007) o surgimento da instituição Escola é contemporâneo com o surgimento do sentimento de infância. A presença da Escola, de essência burguesa, pode ser notada na Europa, na transição do século XV para o XVI. Contudo, essa informação não desconsidera que, antes do recorte cronológico em tela, não existissem espaços com características específicas de ensino e instrução nos “mundos antigo-clássico e medieval”.

A ruptura do paradigma homúnculo e o despertar da família para a infância fez com que surgissem espaços específicos para o exercício do ensino. A criança foi separada do ambiente adulto; surgiram locais planejados para o acolhimento infantil; e a infância provocou uma revolução no campo da moda, da literatura, da música e do lúdico (criação de brincadeiras e brinquedos).

Na perspectiva de Niskier (2007), o processo de ensino-aprendizagem acontece em instituições educacionais formais e não formais. A educação formal acontece em instituições como Escola e Igreja, enquanto que a educação não-formal é processada em instituições como a família, Estado, televisão e por outros meios de comunicação (radio, jornal, entre outros).

Cotejando o olhar de Niskier (2007) sobre o papel da família no processo de educação de seus dependentes, temos subsídios suficientes para sustentar nossa hipótese de que a Folia, também, é uma instituição educacional não-formal. Assim como a família, a folia é capaz de



ajustar a criança no ambiente físico e social. O método mimético de aprendizagem, que é característico tanto nas sociedades difusas quanto nas sociedades modernas (aculturação infantil), também pode ser notado na folia. O mimetismo é condição indispensável para preservar e manter encantados seus rituais e sua perenidade.

Ao observar as crianças que são inseridas na Folia de Santos Reis², percebemos que elas foram capazes de internalizar rituais, cerimônias, protocolos e credos, e isso acontece em razão do temor e da fé que elas têm frente ao sagrado. Esse encantamento é capaz de inserir a criança em diferentes espaços, disciplinando, ordenando, moralizando e imputando responsabilidades frente à realidade.

A seguir trataremos a Folia enquanto manifestação cultural, folclórica, detentora de história e que cumpre seu papel como instituição educacional não-formal.

“VIVA SANTOS REIS”: CULTURA E FOLCLORE QUE EDUCA

A presente discussão tem como fulcro tratar dos conceitos de cultura e folclore, duas categorias que são imprescindíveis para compreendermos a história da Folia de Santos Reis e seu papel educacional.

O conceito cultura para Darcy Ribeiro é entendido como:

Herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modo padronizado de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das relações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que seus membros explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e a motivam para a ação (RIBEIRO, 1985, p. 127).

A citação de Ribeiro (1985) nos remete para a construção histórica do ser humano, em que suas produções sempre se apresentam de forma dinâmica, mudanças que alteram tanto sua vida psicológica (mundo da subjetividade) quanto fisiológica. Entender as diferenciadas culturas é compreender as várias dimensões sociais, é diagnosticar a produção coletiva da

² Aqui destacamos a Folia de Santos Reis de Inhumas-GO, uma manifestação popular que comemora mais de 80 (oitenta) anos de existência e que, desde 2003, está institucionalizada na “Associação Devotos de Santos Reis de Inhumas”.



vida humana, é perceber com exatidão os caminhos que levaram a espécie humana ao ápice do desenvolvimento cognitivo.

Cada grupo social possui uma carga cultural que determina práticas, costumes e valores. Cultura está acima da herança genética, não pode ser transmitida inatamente. A cultura tem o poder de determinar o comportamento do homem, podendo conservar, acentuar ou alterar seus hábitos, bem como potencializar sua capacidade artística, técnica, empírica e profissional. A formação cultural do sujeito é acumulativa, é fruto de experiências internalizadas ao longo de toda a vida, e a Folia de Santos Reis é puro encantamento.

Abaixo segue a definição de folclore. Para Bariani Ortencio (2004, p. 13) “constitui folclore a maneira de sentir e agir de um povo, conservado pela tradição e transmitido oralmente”.

A sabedoria do povo, ou folclore, é tudo aquilo que ele pensa, sente e faz. Esse povo constitui-se um conjunto de pessoas com mesmo modo de vida e habitante de um mesmo território. Cada território tem o seu folclore e este é formado pelo homem simples, que é inteligente, intuitivo e observador e chega às sociedades influenciando e incentivando as letras e as artes. Muitos consideram folclore como algo sem importância, ignora-o e não o levam a sério, mas, folclore é coisa séria, é ciência.

Folclore é caracterizado pelo fato de ser anônimo, ser transmitido oralmente, ter tradicionalidade, aceitação coletiva e ser funcional, ou seja, segundo Ortencio (2004, p. 16), “tudo o que é interessante e que sai da criatividade das pessoas simples, com tendência de permanência no seio do povo”.

Acredita-se que todos os povos possuam dois tipos de conhecimentos: um oficial e um não-oficial. Portanto, o fato folclórico é a mentalidade popular e a literatura oral é sua expressão. O folclore não só conserva e mantém modos de vida e expressão como, também, refaz elementos indispensáveis a determinadas sequências.

De acordo com essa abordagem, utilizaremos da cultura e do folclore para compreender as práticas pedagógicas inerentes à Folia de Santos Reis. A festa em comemoração aos Três Reis Santos tem a capacidade de instruir, educar e formar o cidadão, utilizando, meramente, do canto, da disciplina, da musicalidade, da respeitabilidade aos valores religiosos e da obediência garantida pelo temor e pela fé ao sagrado.



Desse modo, o que seria uma Folia de Reis?

Segundo Rios; Viana.

São cortejos religiosos populares que giram com maior frequência, mas não exclusivamente no período do Natal (noite de 24 de dezembro) até o dia de Reis (6 de janeiro), representando a viagem dos Reis do Oriente a Belém, para adorar o Menino Jesus. De casa em casa, elas pedem donativos, em dinheiro ou espécie, para fazer uma festa de encerramento em homenagem a Santos Reis (RIOS; VIANA, 2015, p.27).

Na concepção de Vigilato (2011, p.172), no Brasil, “a Folia de Reis é de origem portuguesa e foi trazida com o advento da colonização (começo da a formação cultural brasileira), do jesuitismo”. A folia era uma forma de chamar a atenção das pessoas para o nascimento de Jesus e para a visitação dos Três Reis Magos. A tradição religiosa católica atravessou séculos e foi pulverizada para todas as regiões do país e está latente na cultura doméstica, ou seja, na dinâmica familiar brasileira

Rios; Viana (2015) confirmam esta perspectiva:

[...] assim, adaptada, em muitas localidades, ao ambiente urbano – ou, mais precisamente, suburbano -, a Folia de Reis, assim como outras celebrações da cultura popular, todavia, se reproduz no espaço da vida familiar e comunitária, viabilizada pela rede formada por parentes e vizinhos, geralmente adeptos da mesma religião. Desta forma, o festejo tem mostrado força e vitalidade para se manter numa situação de heterogeneidade social e em contato com novidades eruditas ou veiculadas pela mídia (RIOS; VIANA, 2015, p.38)

Tanto Vigilato (2011) quanto Rios;Viana (2015) vêem a Folia de Reis como uma manifestação cultural de cunho popular-folclórico que está intimamente ligada à família. Desse modo, as instituições família e folia cumprem seus papéis no advento de inserção, transformação e formação do jovem para a vida.

Assim, na Folia de Santos Reis, as crianças filhos de devotos, festeiros ou foliões, ao prestigiarem e/ou acompanharem o giro da folia devem respeitar o ritos e protocolos estabelecidos com moral e disciplina. Todo esse comportamento é orientado pela família e pela folia. O encantamento infantil pela folia dá-se a partir do momento em que a criança passa a acompanhá-la. Nela é despertado o interesse de atuar em uma das funções do folião, tais como: ser palhaço, tocar instrumento ou cantar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto apresentado, sobrecarregado de senso-comum, é indispensável para compreendermos a evolução da prática pedagógica oficial. As relações empíricas e epistemológicas no processo de construção do saber no sujeito diversificaram. A formação do cidadão não acontece exclusividade em instituições educacionais formais. Pelo contrário, a escola e as instituições de ensino superior não conseguem desenvolver políticas de capacitação e de transformação totais do sujeito apenas por meio do conhecimento racional. Acreditamos que a cultura popular é imprescindível neste processo, e, sobretudo, ela é capaz de cumprir satisfatoriamente este papel. O sujeito encantado pela tradição, quando é inserido no mundo das letras, e não se permite desnudar de seu patrimônio cultural, estará pronto para os desafios que mundo moderno (ou o materialismo marxista, quem sabe a frieza adorniana) lhe apresentar.

Ante o exposto, percebemos que a Folia de Santos Reis é uma manifestação folclórica, guardiã da tradição e que tem assegurado o “encantamento na periferia”, ou seja, nas regiões limítrofes da metrópole, nas municipalidades e no mundo rural.

A “folia escola” altera o comportamento social pré-determinado na sociedade do capital. Ela é capaz de dar novo sentido à vida orgânica de uma comunidade. A folia instrui, ensina, prepara, ordena, disciplina e prepara os jovens para o convívio em sociedade.

É nesse ínterim que a Folia de Santos Reis se insere. Uma “escola” que usa como método pedagógico hábitos simples que se tornaram virtudes como: fé, disciplina, temor, respeito, empatia, tolerância, carisma, cooperatividade, preocupação com o semelhante, consciência de coletividade.

Enfim, na periferia ainda pulsam rotinas, hábitos e costumes que demonstram ser capazes de resistir aos processos de reificação e fetichização impostas ao mundo orgânico, pelo capital. Na Folia de Santos Reis não há espaço para a individualização do sujeito, pois tudo é pura subjetividade humana, e, sobretudo, é fruto da consciência coletiva.



REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

MOREIRA, Cleumar de Oliveira; SILVA, Edson Pereira da. **Manual para apresentação de trabalhos acadêmicos**. 4. ed. Goiânia: Kelps, 2015

NISKIER, Arnaldo. **Filosofia da educação**: uma visão crítica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

ORTECIO, Bariani. **Cartilha do folclore brasileiro**. 2. ed. Goiânia: UFG, 2004.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. 2. ed. Goiânia: UEG/Kelps, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **Teoria do Brasil**: formações econômico-sociais, configurações histórico-sociais, ordenações políticas, alienação cultural. 8. ed. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. **Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás**: tradição, circulação e criação individual. Goiânia: UFG, 2015.

VIGILATO, José. **Folia de Reis**: o povo de Deus – Ensaio Místico-folclórico. Goiânia: Kelps, 2011.